

# História da vida de Chico Mendes causa polêmica

FELIPE LINDOSO

Especial para a Folha

O artigo do sr. Ricardo Arnt publicado no dia 19 de maio sobre o livro "O Empate Contra Chico Mendes", de Márcio Souza, obriga a Editora Marco Zero a tecer algumas considerações para os leitores do "Letras", a propósito de dois pontos.

Em primeiro lugar, a respeito da informação publicada pelo sr. Arnt de que o livro teria sido "referendado" pelo Conselho Nacional de Seringueiros. Isso não é verdade. Em nenhuma página do livro ou material promocional distribuído pela Marco Zero consta tal afirmação. É o próprio autor que é responsável por tudo o que escreveu, sem nunca ter pedido referendo a alguém.

O segundo ponto é mais sutil e exige mais espaço do que uma

simples retificação, o que nos foi democraticamente aberto pelo jornal.

O sr. Arnt tem absolutamente todo o direito de ter a opinião que quiser a respeito desse e de qualquer outro livro, e é política da Marco Zero jamais reclamar de críticas ou agradecer elogios. Na nossa avaliação, porém, o que se leu neste jornal no dia 19 de maio passado não foi uma "resenha", nem uma "crítica", mas sim uma "resposta" ao livro, e que não aparece como tal. Essa é a questão ética que levantamos.

O autor do artigo, sr. Ricardo Arnt, é vinculado ao "Environmental Defense Fund", entidade criticada por Márcio Souza em seu livro. O sr. Ricardo Arnt é frequente co-autor, com Steve Schwarzmam, de artigos sobre a Amazônia. O sr. Schwarzmam é o principal responsável pelo EDF, entidade sediada em Washington.

Agora fazemos a pergunta: é ético que alguém vinculado a uma instituição criticada por um autor seja encarregado da resenha —ou crítica informativa— publicada em um grande jornal, "principalmente se essa vinculação não é conhecida do grande público", como é o caso? Nós achamos que distorções como essas são tão "desinformativas" quanto aquelas produzidas por "amigos" do autor.

Não concordamos que um articulista que é parte interessada apareça como "informador" da opinião pública, escamoteando esse interesse. Por isso, não se trata de rebater ou contestar as opiniões emitidas pelo sr. Arnt, exceto no ponto preciso em que o "interessado" se mostra no lugar do jornalista, pois aí quem sai prejudicado é o leitor.

Segundo o sr. Arnt, Chico Mendes "era rústico, mas era

esperto. Entendeu que os destinos da Amazônia estavam sendo decididos em Washington, que a reforma agrária dos seringueiros passa pela preservação da floresta e que os ambientalistas tinham canais de influência politicamente produtivos".

Ora, o livro de Márcio Souza procura precisamente contextualizar a trajetória de Chico Mendes com o pano de fundo do extrativismo e da história da Amazônia. Márcio Souza afirma inclusive, no terceiro parágrafo do seu livro, que a "Amazônia é uma região acostumada com o moderno". O que ele se propõe é caracterizar esse moderno e como isso permitiu que um modesto seringueiro assumisse a projeção que teve. Em nenhum momento, porém, aceita a premissa de que os destinos da Amazônia estavam "sendo decididos em Washington", eventualmente com a ajuda do EDF.

Como se vê, as posições são realmente diferentes e o sr. Arnt tem todo o direito de ter as que têm, inclusive de fantasiar que Márcio Souza é "porta-voz" do Comando Militar da Amazônia. A floresta amazônica tem muitas colorações de verde, mas como já disse Márcio Souza em a "Ordem do Dia", é meio alérgica ao verde-oliva, o que obriga os militares que por lá se divertem de guerra na selva a usar uniformes camuflados.

As opiniões do sr. Arnt —naturalmente informadas por suas vinculações— são tão legítimas e discutíveis quanto as do autor do livro. O reparo que fazemos é que essas posições não aparecem como emitidas por alguém que —de forma bem específica— é "parte" da polêmica deslançada por Márcio Souza, e sim como se fossem apenas as "opiniões" de um simples observador da questão.

O que é mais lamentável, é que enquanto somos obrigados a fazer esses reparos, no Acre —como no sul do Pará—, os sindicalistas e seus familiares continuam "morrendo como moscas". Neste momento, Osmarino Amâncio, de Brasília, e Ilzamar Mendes, viúva de Chico, estão na mira dos pistoleiros. A defesa da vida deles não é problema do príncipe Charles. É nosso.

Isso é o que nos sentimos no dever de informar aos leitores do "Letras", deixando a esses a oportunidade de confrontar qual o ressentimento que arranha o que, na matéria do sr. Arnt, e aos leitores de Márcio Souza, o democrático direito de concordar ou não com o que o autor escreve num livro declarada e confessadamente polêmico.